

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

**F**OMOS procurados por alguns comerciantes da freguesia, que chamaram a nossa atenção para o abandono a que os dois guardas nocturnos, votaram a ária que são obrigados a vigiar, pois raríssimas vezes sucede encontrarem-se, garantindo-nos até, que um deles, faz longas paragens no Largo da Boa Hora, nada se preocupando com os outros contribuintes.

Porque concordamos em absoluto com a reclamação, a ela nos associamos, pedindo providências, pois se as árias que têm a seu cargo são grandes, é fácil remediar esse mal, reduzindo-as e portanto aumentando o número de guardas, para que o serviço seja bem feito, e não haja motivos para protestos.

**E**SCREVE-NOS o Sr. António da Costa Salgado Júnior, alvitando a criação dum curso da língua universal Esperanto, na freguesia da Ajuda, ao mesmo tempo que nos pede a indicação duma casa, onde o curso poderá funcionar. Achamos o alvitre excelente e de grande utilidade, ao qual nos associamos. Quanto a casa, é possível que qualquer dos Clubes da freguesia, cedam um dos seus gabinetes, para o efeito.

**C**OMO já noticiámos, a nossa Secção Editorial, vai editar uma separata das interessantes crónicas «A Ajuda de outros tempos», da autoria do nosso illustre amigo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alfredo Gameiro. Pedimos a todas as pessoas a quem a obra interesse, o obséquio de o comunicarem para a nossa redacção, visto que a sua tiragem, será limitada.

**A** tempo de já não poder ser composto, recebemos um artigo do nosso amigo e camarada Alexandre Settas em que, dando resposta ás cartas que lhe foram enviadas, apresenta uma clara justificação do seu anterior artigo. Que nos desculpe o nosso camarada, de só no próximo número poderemos publicar o artigo em questão.

## Ecoss do Carnaval

Desde criança que na insípida quadra carnavalesca me ferem os timpanos estes estribilhos correntes e atávicos: — Que sensaboria de Entrudo! que ausência de graça! que monotonia de folguedos tão escassos e irritantes!

Contudo, os que evocam seguidamente a estes remosques á actualidade, a graça livre, o espírito alegre, buliçoso e até a duvidosa magnificência dessas folias populares, devem intimamente concordar que, despopularizando-se a licenciosidade pagã do Carnaval remoto, ganhou em elegância de divertimento e na compostura de costumes, se bem que apenas quasi ficasse reduzido ao restricto âmbito das diversões em casas de espectáculos.

Nas ruas, a não serem uns atrevidos, inconscientes e de alvar disposição para se exibirem com fastidiosa petulância no assedio á bolsa alheia, pouco nos resta de agrado, a não serem uns desprezenciosos grupos musicais, onde a harmonia e o compasso, as mais das vezes, se embatem arrepiadoramente, e a petizada em *travestis* e alguns outros costumes, regionais ou de engraçado pitoresco, que marcam um certo encanto na sua inocente aparência de bem cuidados personagens, onde o carinhoso gôsto dos pais se evidencia, quer esses minúsculos mascarados trajem vestes de seda ou apenas enverguem tecidos baratos.

Fora disto, a *bexigada* — passe o neologismo — indecorosa de matulões provocantes, licenciosos e decrépitos na falsa graça de que se investiram, é o que nos deu em resumo o balanço ao estúpido Carnaval de 1933.

\* \* \*

Porém, apesar de raro, o espírito alegre da gente lusa não desapareceu ainda da orbe.

Não se topam amiude com essas exteriorizações inventivas da alegria comunicativa, mas uma houve que observamos e se regista aqui, não como mera graça desculpavel no periodo carnavalesco, mas pela mordaz filosofia contida num inofensivo letreiro que, inscrito nas costas dum folgão a esclarecer e justificar a acção de desenvolvida pelo próprio sujeito.

Relatemos: De correcta aparência, um individuo de porte elegante e certa distincção no andar, exageradamente altivo e compassado, andava nas ruas da Baixa com dois recipientes de qualidade e formas adequadas á sua brincadeira, a despejar alternadamente de um para outro, limpida agua, que exuberava nos seus movimentos cadenciados.

Confessamos ter achado simplesmente caricata a idea dêsse divertido ir para a rua com dois chavelhos bovinos e um pouco de agua, para a passar infantilmente de um para outro lado.

(Conclui na página 8)

**D**URANTE as noites de carnavalesco, realizaram-se interessantes bailes de mascaradas nos clubes da Ajuda e Belém, dançando-se animadamente até de madrugada. Agradecemos os convites que nos foram enviados.

**P**ASSOU no dia 27 p.º, o 55.º aniversário natalicio do nosso querido amigo, anunciante e coladorador sr. Francisco Duarte Resina, a quem por tal motivo vivamente felicitamos.

**H**Á em Lodz (Polónia) um homem cujo cérebro é manifestamente um receptor de T. S. F.

Este fenómeno é o senhor Roman, engenheiro, que se queixa de aperceber, sem auxilio de qualquer aparelho, todas as comunicações rádio-telefónicas, tanto em música emitida, como em conferências, isto num raio de três kilometros dos postos emissores, o que lhe torna a vida intoleravel.

Os médicos especialistas em doenças cerebrais que o têm examinado confirmam o seu estado e vão enviá-lo ás sumidades de Paris para ser submetido a rigorosas observações e com o fim de conseguirem que este curioso cérebro não continue a sofrer a tortura de captar simultaneamente todas as vibrações que as emisoras soltem para o éter.

Esta noticia, sem dúvida interessante na sua essência patológica, deixa-nos igualmente admirados na parte em que os médicos nevropatas confirmam as tais possibilidades de receptor humano, pois não se atinge a maneira como esses cinetistas possam registar as vibrações sonoras que o cérebro do doente capta «malgré lui»

Apesar do respeito devido pela anormalidade orgânica do senhor Roman, chega a dar-nos vontade de alvitrar que, de preferência a entregar-se ao cuidado de clinicos experimentados, procure antes nos serviços de engenharia a aparelhagem precisa para seleccionar as emissões e estabelecer contacto entre as cordas vocais e a célula detectiva do seu cérebro, para distracção dos seus próximos.

**A Favorita da Ajuda**DE  
**ANTONIO DIAS****147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA**Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros**Vinhos recebidos directamente de Arruda****LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS**206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA**

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**Nós, os novos!**

Sucedem-se na vida continuamente as gerações. A vida é o encadeamento, a sucessão constante, a corporisação da materia, é a luz, o movimento...

Um ideal completa a vida. O ideal não morre. A morte não é a passagem da última página duma vida, mas a seiva que vai alimentar a gestão doutras vidas... As gerações sucedem-se sem cessar... A transformação opera-se continuamente. O mundo é uma esfera que vai girando; quem se detiver será esmagado, e o mundo continuará rodando... Cada geração que desponta é a alvorada prometedora de risonhos dias. As gerações que despontam não deteem a marcha incessante do mundo — são as fontes inexauríveis do seu progresso, do seu aperfeiçoamento... Cada geração que desponta é guiada pela que a trouxe ao mundo. Esta, pela ordem natural, cede o seu plano á sucessora, que por sua vez será relegada pela que se lhe seguir... E' a vida! E assim, opera-se a transformação continuamente... E assim passam para as novas gerações os ensinamentos, a sabedoria, os bens, as riquezas acumuladas pelos que a antecederam. Mas — doloroso contraste! — com ela passam também os defeitos, as miserias, a maldade, a podridão das que as trouxeram ao mundo! E algumas gerações são bem pouco afortunadas com a herança que lhes legaram.

De todas as gerações, uma das mais infelizes, é, sem dúvida, a nossa, a dos de menos de trinta, a dos que, mal balbucionando ainda as primeiras palavras, mal despontando ainda em nossos cérebros juvenis as primeiras luzes da razão, fomos *contemplados* com a mais cruel carnificina de que reza a historia, em que os povos ultra-civilizados se esfacelavam nos campos de batalha, em horrorosa chacina, fazendo da vida humana as

achas que sustentavam o clarão sinistro das lavaredas que ficarão para sempre como a maior vergonha da nossa civilisação.

Por isso a nossa geração reage e não quer contacto com a que a antecedeu. Está dela divorciada desde o dia em que, calada por exausta a bôca do canhão, se entrou na paz pôdre em que vivemos. Ela sente-se no direito de se insurgir contra os que lhe legaram a sua situação e de lhes atirar á face, como um escarro, a sua obra nefasta, que teve como digno coroa-mento a sangueira crudelíssima que alagou o mundo por quatro longos anos!

A nossa geração, fremente de entusiasmo, sente palpar no peito, em frémitos heróicos, a intuição duma humanidade melhor. Ela sente-se disposta a arcar com a responsabilidade da transformação do velho mundo. Ela tem em si planos muito altos, muito nobres, muito amplos! Compete a nós, os novos, começarmos agora a construir os alicerces em que há-de assentar uma sociedade melhor...

Mas não nos iludamos. O caminho é árido e demanda muita fé, muita inergia, muito valor... Precisamos de homens, mas homens de pulso, de coragem. Porque não é homem de coragem apenas aquele que afronta sem medo o perigo, mas o que expõe com desassombro as suas ideas. O caminho é longo e nêle muitos baquearão, mas compete a nós, os novos, combater com fé, sem desânimo, com varonil inergia por êsse ideal maior, para que possa haver um dia na terra a ansiada, a sublime — Justiça!

Não será já talvez nos nossos dias, mas lutemos com fé inquebrantável por êsse ideal, para que dêle venham a beneficiar os nossos filhos e usufrui-lo com todo o esplendor os nossos netos!

Afonso C. Aço.

**De Relance...**

Mariano de Carvalho, dizia que nunca era demais repetir-se os assuntos que desejassemos divulgados; porque o mais renitente em não se preocupar a ler ninharias, cujos titulos não suggestionem, é atraído um dia, obrigado mesmo pelo instinto de curiosidade que todos nós possuímos, a ler a noticia ou anuncio, que diversas vezes puzera de parte. E assim nós, simples rabiscador, e o mais humilde admirador do grande jornalista, sem desprimir para a sua memoria, adotamos o seu exemplo, porque muito nos interessa que sejam lidas, por quem possa resolver, as reclamações que temos feito; começando por perguntar á Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal:

— quando é que manda retirar, aquela vergonhosa barraca, que está em cima do passeio, junto ao lavadouro do Rio Seco, servindo de bilheteira, ou o que quer que é;

— quando manda substituir aquele nojento mietorio da Rua dos Quarteis;

— quando manda cobrir o cano de esgôto, do Rio Seco á Sacota;

— quando manda consertar aquele bocado de calçada, ali da Rua do Guarda-Joias, próximo ao Largo da Ajuda, que tem covas de mais de meio metro de profundidade;

— quando manda consertar a Calçada da Memoria, que está no mesmo estado.

E já não falamos da Rua do Cruzeiro, porque embora devagarinho, (o seu calcetamento principiou há 13 mezes) lá vai indo aos poucos e poucos, hoje, está quasi no meio; nem na Travessa da Boa-Hora, porque confiamos que logo após a demolição daquele malfadado tapume, que ali está obstruindo a via publica, há 15 anos, mas que deve desaparecer em breves dias, sofra um arranjo completo como muito necessita.

E do mais que formos vendo, de relance, por fazer, cá viremos repetir, até que sejamos atendidos.

Fresina.

**Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento**

Executam-se na GRAFICA AJUDENSE — C. da Ajuda, 176

**Santos & Brandão**

CONSTRUCTORES

Serralharia \* \* Forjas \* \* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

**PEROLA DA AJUDA**DE  
JOSÉ JULIO BORDALOMercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros \* \* \* \* Artigos próprios para brindes

**T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121**

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião MIGUEIS

Calçada da Boa-Hora, 26 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENÉROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE

AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

## Instalações electricas

a Prestações - Executa

## AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência

# DESPORTOS

## Nos jogos de amanhã, o Boavista e o União triunfarão

O meu amigo Justino Soares — ponho-lhe aqui o nome para que o fiquem conhecendo — escreveu-me uma extensa e interessante carta a pretender convencer-me de várias cousas.

Para que me não acusem de egoísta, por guardar só para mim esta joia literária, vou dar-lhes uma idea do que o Justino diz, embora lhe não transcreva a carta, por extensa e por conter certos períodos que a mim unicamente interessam.

O meu correspondente mostra-se defensor acerrimo do profissionalismo desmascarado e tece grandes elogios ao Boavista, pelos ótimos resultados conseguidos contra grupos de Lisboa. Argumentos já estafados, amigo Justino, foi o que encontrei na carta. Que os amadores recebem, e não é pouco, que é mais nobre receber às claras, que o nível de classe do futebol praticado subiria, que o público teria maiores garantias em ver bom jôgo, que se teria mesmo o direito de assobiar quem fizesse mau jôgo, o que se não pode fazer hoje, etc., etc. Nada de

novo, como vêem. Isto já nós todos estamos fartos de ler nos periodicos da especialidade.

Onde o amigo Justino põe uma nota de interesse é quando fala no jôgo a realizar amanhã e se mete a adivinhar o resultado dêle.

Vejam os:

O Boavista, que vem bater-se com o Belenenses, traz no seu activo duas lindas vitórias contra grupos de Lisboa ao Bemfica venceu-o por 4-0 e ao Sporting por 4-1 — e joga realmente bem; o seu futebol é vistoso e prático. No entanto inclina-se o Justino por que o Belenenses fará melhor que os outros derrotados, e empatará ou perderá por uma bola de diferença, apenas.

Pode ter razão, mas eu não concordo. É, embora reconheça ao Belenenses valor de sobra para opôr aos profissionais do Boavista, parece-me que a sua derrota é natural e deve ser também por 3 bolas de diferença. Talvez 3-0 ou 4-1, se não for ainda maior.

Veremos, «seu» Justino, qual de

nós dois acertou. E, se eu tiver errado, tanto melhor, porque do facto tirarei a conclusão de que os amadores também valem alguma coisa, e que se não perderá nada em manter o amorismo tal como se mantém actualmente.

Esqueceu-se o meu amigo em prognosticar o resultado do jôgo do Lusitano de Évora com o União de Lisboa, o qual se realiza tambem no domingo e no mesmo campo do jôgo de que se acaba de falar.

Mas fa-lo-ei eu, respondendo á seguinte pergunta formulada por um alentejano, crente que o grupo da sua provincia conseguirá um bom resultado:

— Adivinha adivinhão, quantos «chupa» o União?

Pois atendendo aos resultados verificados contra o Bemfica — uma vitória e um empate — eu declaro:

O União vai ganhar ao Lusitano de Évora. . .

E, se não ganhar, também bate certo.

O que diz a isto o amigo Justino?

Lucas Jr.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Merceria Malheiros)  
que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificar da verdade, que o seu proprietário agradece

CONFIADOS no que, acerca do Teatro Luis de Camões, Sousa Bastos afirma no seu *Dicionário de Teatro*, dissemos no nosso último artigo que essa casa de espectáculos foi levantada, em 1880, por iniciativa de um comerciante do sítio de nome Cunha Açucar.

## A Ajuda de outros tempos

Um nosso amigo, a quem devemos preciosos elementos para a elaboração dos nossos artigos, acaba, porém, de nos enviar uma carta, por meio da qual nos faz sentir a necessidade de rectificar o que ficou dito. Asseveranos esse antigo morador do bairro da Ajuda que a construção do teatro a que nos referimos foi levada a efeito pelo dono de uma estância de madeiras nessa época existente na Junqueira, o Sr. Joaquim Maria Nunes, de que ainda hoje possivelmente haverá descendentes em Belém.

Conceituado homem de comércio e proprietário de vários prédios no sítio, onde gozava de grande consideração e estima, a ele unicamente se deve a edificação do teatro, que ficou sendo de sua exclusiva propriedade.

E' possível que Cunha Açucar, por esse tempo estabelecido nas proximidades com uma drogaria, e que ao seu espirito de iniciativa juntava uma grande afeição a cousas de teatro, tivesse com o seu conselho induzido Joaquim Nunes, ao empreendimento; e fácil nos será aceitar esta suposição ao sabermos que Cunha Açucar foi um dos primeiros homens que tentaram, como empresários, explorar o Teatro Luis de Camões.

Fosse como fosse, o certo é que a construção do teatro se fez a expensas do Nunes, verdadeiro benemérito que assim foi ao encontro duma viva aspiração dos moradores de Belém e da Ajuda.

Um artigo acerca do bairro da

**Favorita Ajudense**  
DE  
**J. J. CAETANO**  
Completo sortido de Fiqueteiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria  
Artigos Escolares — Material electrico  
GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO  
167, Calçada da Ajuda, 169  
TELEFONE BELEM 456

Ajuda, publicado no *Diário de Notícias* de 24 do mês passado, faz com que nos desviemos um tanto da orientação seguida no nosso modesto trabalho. Há, porém, nesse artigo lapsos e inexactidões de tal ordem, que seria criminoso deixá-los sem correcção: e muito é para lamentar que a precipitação ou levianidade com que o autor procedeu, no que diz respeito á parte histórica da sua descrição, o levassem a erros de

tal quilate em assunto destinado a uma larga divulgação. Estamos convencidos de que as notas desprezíveis inseridas no *Comércio da Ajuda* foram em parte aproveitadas para orientação do articulista; a essa convicção nos conduzem várias razões, e entre elas o facto de termos reproduzido um erro em que caímos, por falsa informação, ao tratarmos da capela do Cruzeiro, e cuja rectificação reservámos para ocasião oportuna. E, sendo assim, pena é que o *Diário de Notícias* se esquecesse de citar o nosso humilde quinzenário, que com tanto amor e probidade se arvorou em defensor dos interesses da freguesia que o sustenta e acarinha, e onde logra uma simpatia que muito desvanece aqueles que para elle contribuem com o seu desinteressado trabalho.

Diz o articulista que «a Ajuda velha, a primitiva, foi desanexada para Alcântara e Belém», o que constitui uma afirmação deveras confusa. Melhor teria feito se dissesse que a primitiva, com uma área extensíssima, ia desde a ribeira de Alcântara á ribeira de Algés, e que foi com uma parte dessa grande área que, ao proceder-se á reconstrução de Lisboa após o terremoto, se formou a freguesia de Alcântara, em substituição da de S. Pedro de Alfama; e que mais tarde, em 1834, também a parte baixa, mais próxima do Tejo, foi desanexada da Ajuda para constituir nova freguesia, sob a invocação de Santa Maria de Belém. Só por meio duma exposição assim clara o leitor desprevenido poderá compreender como as desanexações tiveram lugar.

Mais adiante diz-se: «Passados anos, Ajuda era importante, e em 1798, embora pertencente a Belém, Ajuda era senhora dos seus destinos». Mas quasi a seguir lê-se: «em 1608, Nossa

Senhora da Ajuda já vinha em alvará, com os seus lugares de Alcântara e de Belém».

Aqui é que o leitor desprevenido ficará indeciso e a matutar, sem compreender, afinal, como é que em 1608 Belém pertencia á Ajuda, e em 1798 a Ajuda pertencia a Belém. E' que o autor esqueceu-se de citar a criação do concelho de Belém, ainda no reinado de D. José, concelho de que fazia parte a freguesia da Ajuda, em toda a sua extensão, excluído apenas o que lhe fôra reduzido para a formação da freguesia de Alcântara. Compreende-se, portanto, que em 1798 Belém continuava a pertencer a Ajuda, como em 1608, e que os dois sítios, juntamente com outros limitrofes, e com as freguesias mais próximas, constituíam o concelho denominado *de Belém*, criado, como dissemos no fim do século XVIII e extinto em 1885. Assim é que está certo.

Depois, o articulista afirma que o Palácio da Ajuda, cuja edificação teve início em 1802, foi levantado sobre as ruínas do Paço Velho, o que também não é exacto.

O actual palácio encontra-se, realmente, muito próximo do local onde o outro foi construído, mas não sobre as suas ruínas. E' verdade que um incêndio devorou parte do velho paço de D. José, mas outra parte ainda por muitos anos ficou de pé e servia de moradia a antigos serventuários da Casa Real, até que, já no reinado de D. Pedro V, também o fogo a destruiu. A este incêndio fizemos particular referência num dos nossos primeiros artigos.

Mas nem tudo do antigo paço desapareceu. E se o autor do artigo do *Diário de Notícias* se desse ao trabalho de visitar o quartel da Guarda Republicana existente no tópo da Calçada da Ajuda, e instalado no ainda hoje chamado Pátio das Cozinhas, teria ocasião de ver ali ainda restos importantes, e alguns bem dignos de ser apreciados, de dependências desse velho palácio que o articulista julgou sepultado sob os alicerces do actual.

Falando do Jardim Botânico, diz o autor que ele assenta onde foi a Quinta de Cima do Paço Velho, o que nos parece forma errada de dizer, pois que a Quinta de Cima já existia quando o Paço foi construído.

E de tal maneira vem misturada no artigo a referência ao actual palácio com o que diz respeito ao Convento, hoje hospital e sede da freguesia, que o leitor desprevenido suporá que é

## Farmacia SOISA

C. da Ajuda, 170  
Telefon B. 329

Consultas  
médicas  
diárias

Serviço  
nocturno ás  
quinta-feiras

## Grafica Ajudense

TIPOGRAFIA  
PAPELARIA

com secções de  
Tabacaria  
Perfumaria  
Livraria

Artigos escolares  
Calçada da Ajuda, 176  
TELEF. B. 329

**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>**  
OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO  
Travessa de Paulo Martins, 18  
AJUDA — LISBOA  
TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como:  
livros á antiga, amador  
e escrituração comercial  
Copiadores, caixas e pastas para arquivo.  
Armam-se pastas de fantasia e bordadas  
Envernizam-se mapas

dentro desse palácio que se encontra o albergue a que se acolheram os frades Agostinhos da Boa Hora.

Ao referir-se a cousas que já não existem, o autor cita o que elle chama a Capela Real Patriarcal da Ajuda, que diz ter ido «para junto do Paço em 1769, mercê de D. João V».

Aqui o erro toma proporções de maior gravidade, porque há a notar que a capela já existia desde que a familia real escolhera o sítio da Ajuda para moradia. E se, de facto, a Patriarcal ali se instalou em 1769, como poderia no caso ter influído a vontade de D. João V, que havia *dezanove* anos tinha deixado este mundo de vaidades e ilusões?

E como se não bastasse ainda este erro da historia, que confrange ver assim dado a lume num jornal da categoria do *Diário de Notícias*, logo a seguir se diz que o Teatro da Ajuda — e com certeza o autor se quer referir ao antigo edificio da Opera, que em tempos de D. José foi construído ao cimo da Calçada do Galvão — «se encontrava em local hoje de Belém».

Acreditamos que só por falsa informação o jornalista pôde cair em tal inexactidão, pois que esse local pertence e sempre pertenceu a freguesia da Ajuda.

Falando da capela da Memória, diz-se no artigo ter sido fundada pelo Marquês de Pombal. Estamos, porém, convencidos pelo que temos lido, de que essa capela foi mandada erigir pelo rei D. José, em memória e como agradecimento por ter escapado da cilada em que a sua vida perigou, e por isso mesmo ficou sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento e S. José, e não Senhora do Sacramento, como diz o articulista.

Por último, não podemos ocultar o nosso desgosto por termos que o autor do artigo, tão interessado em pôr em evidência as misérias da freguesia, para as quais também não nos cansamos de pedir providências, nem uma só linha dedique, não faça a mais ligeira referência ao novo bairro em via de acabamento, o qual não só representa um importante melhoramento em relação á freguesia, mas até mesmo em relação á capital, que não pode orgulhar-se de possuir outro em iguais condições.

O novo bairro que, incompleto, esteve durante anos votado a um criminoso abandono, se durante esse tempo foi um atestado de incúria, de falta de consciência, talvez mesmo de venalidade de alguns, é hoje um padrão

(Conclui na página 7)

CLAUSULA VIII determina quais os encargos que serão pagos com o rendimento da agua — a anuidade variavel das despesas de administração e exploração, excluidas as de conservação e amortização de contadores; a anuidade para o serviço de juros e amortização das novas obrigações; a anuidade variavel para o dividendo do capital accionista; a anuidade variavel, mas que nunca excederá 500.000\$00 para alongamento da rede de distribuição. Havendo excesso irá para o Fundo da Cidade.

A clausula IX determina que o banco de deposito da Companhia é a Caixa Geral de Depósitos, salvo a anuidade para reconstituição do capital accionista que se começará a formar em 1937 e será de 371.000\$00, que a Companhia se atribuirá durante 37 anos, e administrará como melhor lhe parecer (clausula VII). Mas a Companhia poderá depositar á sua ordem, mediante autorização especial do Governo, em bancos particulares, os 60% das receitas effectivas cobradas durante a execução das obras (clausula III).

A clausula X determina qual a remuneração do capital accionista; essa remuneração é variavel crescendo uniformemente quando decresce o numero indice que é dado por uma fracção em que o numerador é a diferença entre o numero que representa as despesas de administração e exploração, excluidas as de conservação e amortização dos contadores, e o numero que representa as despesas de elevação da agua consumida pelo Estado, além da sua dotação gratuita. E o denominador é o numero que representa a soma, expressa em metros cubicos, do consumo particular com a dotação gratuita do Estado. O valor desta fracção vem expressa em centavos; quando o numero indice atingir valor de \$32, o juro será de 6 1/2%; quando o numero indice baixar para \$16, o juro será de 9,75%.

A clausula XI, determina qual o preço da agua para o público. Será dado também por uma fracção em que o numerador é apresentado pela soma dos encargos de administração e exploração relativos ao consumo particular e dotação gratuita do Estado (excluída a despesa de conservação e amortização de contadores), dos

encargos de remuneração do capital accionista e de juro e amortização do novo capital obrigacionista, e da verba fixa de 500.000\$00, e o denominador o numero que exprime em metros cubicos o consumo particular.

Este preço é desde já fixado em 2\$00 o metro cubico, até á data em

## A Questão das Aguas

que estiver concluída a segunda fase das obras. Nesta data será novamente fixado, e daí por diante será fixado bienalmente, podendo o Governo alterar o intervalo entre duas revisões.

A clausula XII, determina qual o preço do aluguer dos contadores: 3\$00 mensais os de pressão, e 1\$50 os de ar livre.

A clausula XIII, determina que as promissórias de que a Companhia é devedora serão pagas pelo fundo das obras novas, até dez dias depois da assinatura do presente contracto. Como compensação ficam anulados os débitos da Camara á Companhia e reciprocamente os débitos da Companhia á Camara, até á data da assinatura do contracto, entregando a Companhia ao Estado titulos em carteira no valor lectivo de 1.350.000\$00 ou igual importância em numerario. O Governo restituirá ao fundo de obras ou ao fundo da cidade, o valor efectivo daqueles titulos, até dois mezes depois de concluída a segunda fase, ou, immediatamente o numerario recebido.

A clausula XIV, determina que o Governo montará um Comissario junto da Companhia, o qual será substituído de três em três anos, bem como o representante do Estado e da Camara no Conselho Fiscal.

A clausula XV, determina que de cinco em cinco anos, tanto o Estado como a Companhia poderão propor a revisão do contracto se a media dos numeros mensais que representarem em escudos-ouro o capital e acções no último ano do quinquénio differir de

**Nova Padaria Taboense**  
DE  
**ANTÓNIO LOPES MARQUES**  
Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higinicas  
**Rua das Mercês, 118 a 128**  
AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente:

## TRANSPORTES DO ALTINHO

A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

## José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

## ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

## VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

## ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



## PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

TELEFONE BELEM 520

## Pérola do Cruzeiro

DE  
JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto  
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — LISBOA — Telef. B. 634

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacêutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas  
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA — 4<sup>as</sup> feiras ás 9 h

FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

50% para mais ou para menos do numero que exprime em escudos-ouro esse capital no momento da celebração do contrato.

Não havendo acôrdo, no praso de sessenta dias após a proposta, poderá o Estado resgatar, ou a Companhia pedir a rescisão que se fará nos termos do resgate.

A clausula XVI, determina que findo o praso da concessão, esta caduca imediatamente, substituindo-se o Estado á Companhia.

Passados vinte anos sobre a data da assinatura do presente contrato, pode o Estado a todo o tempo resgatar a concessão, ficando obrigado, neste caso, a entregar á Companhia até á data do fim da sua concessão, uma anuidade que será a soma da anuidade para reconstituição do capital, da média dos dividendos dos últimos cinco anos, e da importancia de 40.000\$00 para despesas de administração da Companhia.

A clausula XVII determina que todas as questões que se suscitarem sobre o presente contrato serão resolvidas nos termos da clausula 25.<sup>a</sup> do contrato de 1867.

A clausula XVIII, que tudo quanto não estiver previsto no presente contrato será regulado pelos contratos anteriores e pelos princípios gerais de direito.

Eis o contracto celebrado em 31-12-1932 entre o Governo e a Companhia das Aguas de Lisboa, e sobre o qual não posso deixar de dizer algumas singelas palavras.

B. S.

## SAUDADE

Minha mãe, tenho saúde  
Dos tempos idos, distantes,  
Da minha felicidade,  
Dos teus afagos constantes,  
De tanta docilidade.

Tenho pena do passado  
Que gozei sempre contente,  
Enquanto tive a meu lado,  
O teu amor tão fremente  
Quanto intenso e dedicado.

Entristece-me a desdita  
De já não ter quem me escute  
Com atenção infinita,  
E, quem minha alma prescute  
Com precepção ináudita.

Já tudo a morte riscou  
Dêsse prazer divinal  
Que só tristezas criou  
No vácuo rude, brutal,  
Que a tua ausência deixou.

Más tu que tinhas bondade  
E só no bem te inspiravas,  
Mesmo lá, na eternidade,  
Hás de mostrar quanto amavas  
Quem de ti sente a saúde!

Alexandre Settas.

Fevereiro de 1933

## O CARNAVAL NO PALATINO

Decorreram brilhantissimas as festas do Carnaval nes'a elegante casa de espectaculos, mercê da excelência dos seus programas e da escrupulosa selecção na escolha de público. Os bailes, abrihantados por uma magnífica orquestra, tiveram todos os dias uma extraordinária animação, constituindo um exito grandioso e invulgar.

## Definições do Amor

De um retórico:

O amor é uma figura de retórica por meio da qual dizemos mais vezes o que não sentimos, outras o que não dizemos

De um farmacêutico:

O amor é uma pilula muito amarga, adoçada por fóra para que não repugne ao paladar.

De um advogado:

O amor é o pleito da vida.

De um médico:

O amor é uma enfermidade rara e re-quere para cada caso um tratamento especial.

De um dentista:

O amor é uma espécie de dente que se não pode arrancar sem dor.

De um prestidigitador:

O amor é a escamoteação da verdade.

De um acrobata:

O amor é um salto mortal.

De um gastrónomo:

O amor é um manjar apetitoso, porém indigesto.

De um filósofo:

O amor é o nada envolto numa ilusão.

De um militar:

O amor é uma campanha cujo plano se deve estudar séria e detidamente.

De um sapateiro:

O amor é uma bota, que só quem calça é que sabe onde lhe aperta.

De um físico:

O amor é uma corrente electrica estabelecida entre dois corações.

De um químico:

O amor é um precipitado de aiucinações e de cegueiras.

De um jornalista:

O amor é um vale com visto do administrador.

De um «depenado»:

O amor é o que existe de mais «caro».

De um electricista:

O amor é um gerador de corrente alterna.

# MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

## DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

## DINHEIRO!

No turbilhão desta vida de puras ilusões, de cruéis desenganos e das maiores iniquidades o que mais circula e se disputa, o que mais predomina e se transforma é essa cousa mágica e satânica a que chamamos *dinheiro!*

O Rei-Milhão, êsse colosso de poder e grande mistificador da humanidade, impera há seculos em todo o mundo. Com êle mercadeja-se intamente a dignidade e a confiança do homem e conspurca-se sem o mais pequeno vislumbre de bondade ou consciência a honra da mulher.

Tudo o dinheiro consegue, com o seu poderio tudo demove, tudo vicia.

Quantas injustiças, quantas traições, quantos crimes se perpetram e ficam impunes, produto da sua diabólica e nefasta influência?

Mas ninguém deixará de reconhecer que êsse vil papel moeda, a um tempo terrível e útil, é imprescindível á vida organizada do homem, porque êle é bem a mola real do teatro da vida.

Pois o que é a luta pela vida? O que é a luta titânica pelo pão de cada dia? O que representa o trabalho que produzimos? Para quê tudo isto? Senão para conseguirmos *dinheiro* em troca do nosso trabalho, para com êle podermos obter então o que nos é necessário e indispensável á existência? O que é o luxo que por toda a parte se exhibe e ostenta, a comodidade e o conforto que porventura possamos obter para os nossos lares? O dinheiro! Sempre o dinheiro transformado!

Mas nem sempre êle consegue dar ao seu possuidor a felicidade completa: dá-lhe algumas vezes uma felicidade aparente e fictícia, que pouco mais é do que infelicidade.

Porém, não o pensam assim muitos mortais que ambicionam a riqueza loucamente na idea de que os ricos não sofrem como os pobres.

Sebastião Faure exprime-se assim:

«As chagas dos felizes não são menos

## UMA JUSTA HOMENAGEM

Com assistencia superior a uma centena de pessoas, entre as quais se viam officiais do exército e da armada, funcionarios publicos, operarios, commerciantes, etc., realizou-se no domingo 19 p. p., como tinhamos anunciado, na vasta sala nobre do Salão Portugal, obsequiosamente cedida pelo seu proprietario, o banquete de homenagem ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Joaquim de Andrade, antigo chefe de policia da esquadra da Ajuda, recentemente aposentado.

Enaltecendo as excellentes qualidades de caracter do homenageado, usaram da palavra diversos oradores, entre os quais os Srs. Francisco Assis Lamas Moreira, como Presidente da Junta de Freguesia da Ajuda, Roberto Rodrigues, que numa interessante lição de historia, descreveu a acção de Pina

Manique até á criação da policia de segurança publica em Portugal; Francisco Aires Krúss Aflalo e António Morais dos Santos.

Em nome da comissão organisadora, falou o nosso colaborador Sr. Francisco Duarte Resina, agradecendo o bom acolhimento que teve a iniciativa da homenagem, e congratulando-se pela reunião de tão selecta assistencia, na mesma comunhão de ideias, que era prestar homenagem ao Homem que tão bem tinha sabido desempenhar o seu cargo, a contento de todos.

Por fim o Ex.<sup>mo</sup> Sr. António Joaquim de Andrade, a quem foi entregue uma artistica salva de prata e uma pasta encerrando uma mensagem assinada por todos os presentes, agradeceu em comovidas palavras, a homenagem que acabavam de prestar-lhe.

horribeis do que as vossas; que a sua desgraça, sendo doutra natureza, não é todavia menos pesada do que a que vos afflige».

«Eles vivem fartos e descansados, habitam casas confortáveis, possuem um mobiliário luxuoso, vestem bem, vão ao café, ao teatro, ao baile, ás termas, andam de carruagem; mas abri bem os olhos e vereis que êles também sofrem, não da mesma maneira nem pelas mesmas causas, mas talvez tanto como vós» (1).

É indubitavelmente assim. Sofre o rico, sofre o pobre e todos têm o seu sofrimento, as suas dores, a sua hora de amargura, maior ou menor, duma ou doutra maneira.

E apesar de o Rei-Milhão ser o grande soberano do glôbo, o milagreiro de muitos impossiveis, êle não conseguirá nunca comprar ou subornar, com todo o seu ouro e com todas as suas preciosas riquezas, a Morte, a morte cruel e incorrupta, que a todos ceifa, sem distincção de classes ou categorias.

Luís M. Simões.

(1) Sebastião Faure. — «A dôr universal», pág. 45.

## A AJUDA DE OUTROS TEMPOS

(Continuado da página 5)

de gloria dos que com intelligencia e actividade, com lisura, probidade e incontestável competência estão prestes a levar a cabo uma obra de tal magnitude.

E agora, que o *Diário de Notícias*, ou o seu articulista, nos relevem a ousadia das observações que fazemos, não movidos por vaidade pessoal, antes unicamente pelo desejo de rectificar o que no artigo se nos deparou falto de verdade.

Inteiramente falhos de autoridade literária, e apenas baseados no estudo a que nos tem obrigado o empenho em satisfazer a vontade das pessoas que dirigem o *Comércio da Ajuda*, e nos honram com a sua amisade, ás cousas antigas da Ajuda temos dedicado algumas horas de labor. Certos estamos de que, trabalhando embora com probidade, isso nos não dará glória. Mas também não queremos de modo algum que, procurando apontar erros — certamente involuntários — e restabelecer verdades, isso vá provocar melindres, o que seria para nós motivo de profundo desgosto.

Alfredo Gameiro.

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICÔRES E TABACOS

## Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220



# PALATINO

Rua Filinto Elísio (Santo Amaro)  
TELEFONE B. 99

O melhor e mais bem frequentado  
cinema da parte ocidental de Lisboa.

Segunda feira 6-Terça-feira 7  
às 21,15 horas

As surpreendentes super-produções

## INGAGHI

Assombroso documentário da selva africana

### O atrazo do Rápido N.º 13

Empolgante filme policial

### Filmes a exhibir:

Dias 8 e 9: PAMPLINAS MILIONARIO  
e O MONSTRO MARINHO

Dias 10, 11 e 12 — BOHEMIOS (com Bucha e Estica)  
e ACADEMIA DE BELEZA (Estrelas no bairro)

Dias 13 e 14 — A MULHER DE QUEM SE FALA  
e OS MISERAVEIS (Filme mudo)

Dias 15 e 16 — LAUREL E HARDY EM MARROCOS  
e A ULTIMA NOITE

Dias 17, 18 e 19 — ONDE ESTA' MINHA MULHER?  
e CAMINHOS DA SORTE

## Ecoss do Carnaval

(Continuado da 1.ª página)

E, cogitando na desfaçatez precisa para se imuniar a consciência dessa figura humana ao desempenhar tão a sério um papel de garantida parvoíce, não me contive, depois de passar por ele, de lhe dispensar uma furtiva e exacerbada atenção, olhando-o — nem sei porquê, — pelas costas.

Só nessa altura, então, compreendi que o galhofeiro, um carnavalesco sem dúvida com o sútil espirito dum causticante filosofo, tinha nas costas esta legenda, referida ao que exhibia e tanto me intrigara: NINGUEM DIGA DESTA AGUA NAO BEBEREI!

Achei o axioma assim representado, verdadeiro pelo corolário tirado da leitura e da observação do reinadio, ri-me francamente da forte piada e. . . pensei depois, que talvez êsse folião, eloquente na mudez da sua farça, de porte correcto e maneiras distintas, andasse investido de uma falsa alegria, amparado pela concepção heróica da sua desventura a passeiar nas ruas da cidade a desdita de ter bebido dessa tal agua, que simbolizava a triste fatalidade do adultério.

Alexandre Settas.

## Sobre o valor da pequena imprensa

Acêrca da pouca importancia que muita gente dedica aos pequenos jornais, recortamos do nosso presado colega «O Concelho de Mafra», que por sua vez transcreveu do jornal «O Sorraia», as seguintes interessantes considerações:

*Todos os habitantes duma terra tem o dever de respeitar e auxiliar os seus jornais, como a melhor obra e o melhor factor de melhoramento e progresso dos povos!*

*Todos se devem ufanar pelos seus periodicos!*

*E' um retrogrado aquele que não ama a sua imprensa!*

*Um jornal numa terra, por muito humilde que seja, é um elemento de valor, que significa civilização, e, portanto, um motivo de orgulho para um povo!*

*Auxiliar moral e materialmente um jornal, é um dever de todos aqueles que presam e amam a sua terra, onde a imprensa, no número dos propulsores da civilização, ocupa o primeiro lugar!*

*Todos devem defender os seus jornais, e nunca consentir sequer que alguém tente depreciá-los!*

## FALECIMENTOS

### D. Violante Rodrigues

Faleceu há dias, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Violante Rodrigues, extremosa esposa do Sr. António Rodrigues.

A extinta, que contava profundas simpatias, deixou vivas saudades nos seus, e nas pessoas que com ela conviviam.

O seu funeral foi muito concorrido.

### D. Jacinta da Encarnação Ovelha

Com 73 anos, faleceu na 3.<sup>a</sup> feira, 28, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Jacinta da Encarnação Ovelha, que, durante muitos anos, exerceu o comércio na nossa freguesia. Foi boa mãe e esposa exemplar.

### Luiz Antunes

Também faleceu, hoje, ás 3 horas, o Sr. Luiz Antunes, de 77 anos, proprietário nesta freguesia, onde muito trabalhou como horticultor.

O seu funeral realiza-se amanhã, da casa da sua residência, Rua do Cruzeiro, para o cemiterio da Ajuda.

\*\*\*

A's famílias enlutadas envia «O Comércio da Ajuda» o seu cartão de condolências.

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

## Manoel António Rodrigues

COM

### VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

## FOTOGRAFIA CINEMA

A mais perfeita execução em todo o género de fotografia

6 postais, com brinde, 15\$00

Refrãos para passes desde 4\$00 a duzia

R. do Sacramento, 26, 1.º (á Pampulha)

## José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83